

CONDUZINDO-SE PELAS MARCAS: discussões que permeiam o cuidado de si nos contínuos movimentos do devir professor de Matemática

Wanessa Mayara da Silva ¹
Mateus de Oliveira ²
Vaniele Maritissa da Silva ³

RESUMO

Através do artigo tivemos a intenção de descrever as experiências que ficaram registradas na tábua do nosso devir professor, após ministrarmos a oficina “O cuidado de si: como está o movimento do seu devir professor?” o qual a mesma compôs o Projeto de Extensão desenvolvido pelo Programa Residência Pedagógica, intitulado: “A sala de aula de matemática e as multiplicidades”. A oficina trouxe em discussão os conceitos: Cuidado de Si, Devir, Experiência e Marcas, em consonância com alguns autores da Filosofia da Diferença, respectivamente, Foucault (2006), Deleuze e Parnet (1998), Larrosa (2000) e Rolnik (1993), por intermédio de algumas dinâmicas realizadas, que em breves palavras, iremos relatá-las no corpo do texto, atando-nos, as marcas que ficaram, após submergirmos em um espaço de reflexões e adentramentos de si, em prol de percebermos como estar o movimento do nosso devir professor, trazendo-nos o cuidado de si que temos que ter, enquanto sujeitos, discentes e docentes de Matemática, mesmo diante de desvalorizações profissionais e financeiras. Também, estar professor na contemporaneidade é um desafio, que exige a todo tempo, “se cuidar”, “se governar”, tendo a possibilidade de governar as suas turmas, caso deseje. Para mergulharmos na escrita do texto, dispomos da metodologia de abordagem qualitativa e, para produção de dados, um questionário composto por 06 perguntas discursivas. De maneira geral, percebe-se, que a oficina despertou nos discentes o desejo de conhecer mais a Filosofia da Diferença, pontuando em suas respostas ao questionário, que a mesma contribuiu no seu devir professor de Matemática.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença, Oficina e CAPES, Marcas e Experiência, Devir Docente, Cuidado de Si.

INTRODUÇÃO

Enquanto discentes, além de cumprirmos as horas dos componentes curriculares obrigatórias e eletivas, precisamos participar de projetos que nos possibilitem horas complementares, em que isso é uma das exigências para finalizarmos o curso e obtermos o sonhado diploma.

Todavia, o espaço promovido pelos os encontros dos projetos, sejam eles de extensão, ensino ou pesquisa, é riquíssimo em discussões sobre a educação de séculos passados e o vigente, que potencializam caminhos que poderemos trilhar nas aulas que iremos ministrar, quando estivermos professores ou até mesmo, colocar em prática aquilo que aprendemos e

¹ Graduando do Curso de Matemática-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, wanessa.mayara12@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Matemática-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, deoliveira.mateus1995@gmail.com.

³ Graduando do Curso de Ciências Biológicas-Licenciatura da Universidade de Pernambuco- UFE, vany.silva31@gmail.com.

desenvolvemos em tais projetos, ainda estando alunos do curso de Matemática-Licenciatura. Em outras palavras, é o momento propício de criação de materiais didáticos e articulações de ideias sobre o Ensino e Aprendizagem da Matemática.

Dessa maneira, adentramos no Programa Residência Pedagógica do Curso de Matemática-Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), a fim de ampliarmos os nossos conhecimentos, refletir e aplicar na prática, o que aprendemos na teoria. Sendo que tal programa não é de ensino, extensão ou de pesquisa, mas pode substituir os estágios supervisionados obrigatórios da grade curricular do curso, promovendo experiências da docência. Todavia, o mesmo permite possibilidades de desenvolvermos projetos que resultem em horas complementares.

Dentre os projetos, destaca-se, o de extensão “A sala de aula de matemática e as multiplicidades”, composto por oficinas e minicursos, o qual foi desenvolvido e ministrado por nós. Essas oficinas e minicursos tiveram a pretensão de apresentar possibilidades de recursos didáticos, discussões sobre a realidade educacional, sobre o Ensino e Aprendizagem de Matemática.

Entretanto, na discussão do trabalho, iremos nos ater a oficina denominada: “O CUIDADO DE SI: como está o movimento do seu devir professor?”, que buscou promover um espaço onde os alunos pudessem refletir os movimentos do seu devir professor, engendrada com alguns conceitos da Filosofia da Diferença, como: Cuidado de si (FOUCAULT, 2006), devir (DELEUZE; PARNET, 1998), experiência (LARROSA, 2002) e marcas (ROLNIK, 1993). Diante disso, traçamos como objetivo, perceber as contribuições da oficina para o devir professor de alguns licenciandos em Matemática da UFPE-CAA.

METODOLOGIA

O caminho metodológico que utilizamos no trabalho é de cunho qualitativo, em que não possui enfoque em números, estatísticas, no entanto, em descrever o “significado”, o “sentido” que os sujeitos atribuem as coisas, aos seu pensamentos, mediante o recurso didático utilizado para a produção de dados da pesquisa. Assim sendo, a maneira que utilizamos para compreender os objetivos pautados, é descritiva e indutiva (OLIVEIRA, 2016).

O recurso didático utilizado foi um questionário (quadro 1) composto por 06 (seis) perguntas discursivas, aplicado à 04 participantes da oficina “O CUIDADO DE SI: como está o movimento do seu devir professor?” Além do questionário, envolvemos, no momento da

descrição dos dados, as marcas que ficaram em nosso devir professor, de quando estávamos ministrando a referente oficina.

Visando obedecer ao que as comissões de ética interpelam, iremos atribuir aos participantes nomes fictícios: **Janaína, Danilo, Jacinta e Melissa**. Com isso, a oficina ocorreu na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Caruaru-PE, por conseguinte, foi onde aplicamos o questionário. A descrição dos dados aconteceu em todo o processo da escrita, pois quando vamos escrevendo, transcrevemos nela as nossas marcas (ROLNIK, 1993), desemaranhando-as nos parágrafos, na descrição das respostas, nas experiências que adquirimos no projeto, por produto, a referida oficina.

Quadro 1: perguntas que compõem o questionário com os seus objetivos

Perguntas do questionário	Objetivo de cada pergunta
1. Qual (is) contribuição (ões) que a oficina trouxe para o seu devir-docente de Matemática?	Com essa pergunta tivemos a intenção de obter quais possíveis contribuições da oficina para o devir professor dos discentes que participaram da mesma.
2. A oficina fez você refletir sobre a necessidade do cuidado de si na graduação? Na docência? Justifique.	Perceber se a oficina proporcionou um espaço para os discentes que participaram da mesma, de refletir sobre a necessidade de se cuidar enquanto discente e docente de Matemática do século XXI.
3. Você participaria de outras oficinas/minicurso que abordam esse tema? Justifique.	Enxergar se a oficina convidou os discentes a participar de novas edições da mesma, caso tenha. Em outras palavras, perceber se os conceitos da Filosofia da Diferença abordados pela oficina agenciaram os discentes a aprofunda-se.
4. Descreva o que você compreendeu dos conceitos: Cuidado de si, Devir, experiência e Marcas.	Perceber o que os discentes compreenderam sobre os conceitos abordados.
5. Quais Marcas ficaram em você após participar da oficina? Descreva.	Depois das oficinas, notar quais foram às possíveis marcas que ficaram nos discentes.
6. Descreva um pouco da experiência que você adquiriu após participar da oficina.	Notar se a oficina foi um momento de experiências para os participantes.

Fonte: Silva, 2019.

CONDUZINDO-SE ENTRE ALGUNS CONCEITOS DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

Todo sujeito é único, singular, ímpar, diferente, no mesmo instante que é múltiplo, à medida que vai vivendo na sociedade, por não ser fixo, por alterar, pois a partir de um encontro, de um acontecimento, de um pensamento, os sujeitos vão se constituindo, dando faces provisórias ao seu Devir. Devir, por vez, é a processualidade que descreve os movimentos contínuos (não lineares) que ocorrem na vida do sujeito, ou seja, descreve o que o sujeito estar sendo, estar se tornando. É sempre no tempo presente. Conforme Deleuze e Parnet (1998) o Devir não possui passado e nem futuro, mas é sempre presente, é o meio de algo, de um acontecimento. “O que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim. Sempre está no meio do caminho, no meio de alguma coisa.” (p.24). Assim, o caminho não possui começo e nem fim.

Além disso, estamos envolvidos em diversos encontros na sociedade, podendo afetar e ser afetado, onde cada um deles condensa unicidade, pois não podemos vivenciá-los novamente e, o que ocorre em um, jamais ocorrerá em outros. Além disso, os mesmos atravessam os sujeitos de forma diferente, melhor dizer, os encontros produzem marcas nos sujeitos de maneira diversa. Desse modo, “Todo devir é intenso, decorre dos afectos, dos encontros e das trocas moleculares entre corpos.” (GOMES, 2002, p. 64). E, também, “o sujeito engendra-se no devir: não é ele que o conduz, mas sim as marcas.” (ROLNIK, 1993, p.3).

As Marcas, Conforme Suely Rolnik (1993) são os estados inéditos que são produzidos em nossos corpos, a partir das composições que vamos vivendo. Cada estado instaura um espaço para a criação de um novo corpo, o que implica que as marcas são sempre gênese de um devir. Portanto, continuam se fazendo marcas em nosso corpo, enquanto estivermos vivos. No entanto, uma marca sempre continua viva e pode ser reativada a qualquer instante, na medida em que ocorrem situações que nos fazem lembrar, reverberar.

Diante disso, as marcas são as que ficam depois de uma experiência, de encontros, de acontecimentos. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (LARROSA, 2002, p.91). É algo que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma (HEIDEGGER, 1987, p. 143 apud LARROSA, 2002, p. 25). Dessa forma, “Somente o sujeito da experiência está portanto aberto à sua própria transformação.” (LARROSA, 2002, p.26). Todavia, estamos imersos ao mundo líquido, onde as coisas são efêmeras (BAUMAN, 2011), deixando a experiência cada vez mais rara, por falta de tempo, por overdose de informações, opiniões e carga excessiva de trabalho. Assim, as coisas se passam sem nos passar, sem nos marcar, seguindo o que a sociedade impõe sem refletir.

O Cuidado de Si é uma possibilidade de resistir aos movimentos no mundo líquido, em que o sujeito que se cuida reflete sobre as informações, as linhas de forças⁴ que os tentam subjetivar⁵. Sendo assim, o Cuidado de Si é arte de viver consigo, de conhecer a sua temperança, tendo ciência dos seus limites, capacidade, limitações, conhece as suas verdades. Mas, o “Ocupar-se consigo não é pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida.” (FOUCAULT, 2006, p.216). À vista disso, o ato de ocupar-se é uma reflexão sobre o modo de existência que o sujeito segue, reconhecendo as coisas que os tentam perpassar, permitindo apenas o atravessar aquelas que lhe apraz. Além disso, o sujeito

⁴ É um conceito da Filosofia da Diferença que conforme Deleuze (

⁵ Subjetivação conforme Foucault, é uma ação

que se cuida, ao se conhecer, governa-se, e caso tenha a intenção, tem a possibilidade de governar o outro.

Mobilizando o cuidado de si para a docência, tem-se que o professor que se cuida, governa-se, por conseguinte, tem a possibilidade de governar os seus alunos, as suas turmas, do que está ensinando. Reflete as situações que ocorrem em suas turmas, permitindo que lhe atinja, apenas a que ele permite. Fazendo outra mobilização, por vez, para os discentes (atuantes ou futuros professores), é importante que os mesmos possuam o cuidado de si, pois é percebido que a universidade é um encontro de linhas de forças, de teorias, de heterogeneidades. Todavia, isso é sempre contraditado, pois busca apregoar homogeneidade, como se todos os alunos fossem iguais, e se tornarão professores iguais, mas não. Desta forma, eles se conhecendo apenas permitirá perpassar “as coisas” que lhe convêm. É uma luta, viver segundo o que acredita.

O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

O Programa Residência Pedagógica é remunerado e gerido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa proporcionar aos discentes um espaço criador de experiências relacionadas à docência, com atividades voltadas ao Ensino e Aprendizagem de Matemática, tendo conhecimento das funções de um professor da Educação Básica efetua no contexto sala de aula (MORETTI, 2011). O programa visa substituir as horas dos estágios supervisionados obrigatórios da grade curricular do curso de Matemática-Licenciatura da UFPE-CAA, que para isso, é necessário que os discentes participem da carga horária total prevista (PANNUTI, 2015).

De acordo com Moretti (2011) a Residência Pedagógica articula o que aprendemos durante a graduação (a teoria), com os movimentos na Educação Básica (a prática docente), permitindo aos licenciandos experienciar à docência. E como reforça as normas da CAPES, tendo ele a função de fomentar e acompanhar a formação inicial e continuada de discentes de cursos licenciaturas, firma que as instituições de Ensino Superior precisam implantar projetos inovadores, que associe a teoria e a prática docente, em consonância com as redes públicas de Educação Básica (PORTARIA GAB N° 38, 2018). Com isso, o Programa Residência Pedagógica é norteado por esses ideais.

Como visto, o referido programa permite elaborar projetos para conseguirmos as horas complementares, substituir os estágios e, mais ainda, experienciar a docência. Dessa forma, a oficina que iremos relatar posteriormente é fruto de experiências, de marcas, possibilitadas ao nosso dever, durante a Residência Pedagógica.

UM POUCO SOBRE A OFICINA: o cuidado de si

Nesta oficina, foram apresentadas algumas dificuldades que atravessam a docência e, tem deixado muitos professores angustiados, adoecidos, afastados até, do seu ofício, por não terem forças de lutar contra os pulsantes desafios. Além disso, nota-se, que muitos discentes anseiam pelos movimentos da sua carreira profissional, preocupados de como irão reagir diante das situações que poderão surgir em suas salas de aulas. A maioria desses discentes já experienciaram a docência como estagiário remunerado e voluntário, por meio de estágios supervisionados obrigatórios, pelas atividades de algumas disciplinas e dos projetos, ou mesmo, como professores.

Diante dessas discussões, não fornecemos na mencionada oficina receitas de como lidar com tais problemas, inclusive, não possui. Entretanto, trouxemos a importância do cuidado de si, enquanto sujeito, enquanto discente, enquanto professor da contemporaneidade. Presente realidade, que as coisas se desfazem rapidamente, sem serem refletidas por nós, marcando como sendo uma sociedade líquida (BAUMAN, 2011), sociedade da informação (LAROSSA, 2002). Com isso, Fazendo-os refletir como está o movimento do seu dever professor diante das dificuldades, da liquidez, da falta de interesse dos alunos, onde desejam estar deslocada em pensamentos e corpo para as coisas que são proporcionadas pela internet, pelo celular (BAUMAN, 2011), a escola não os atraem (QUEIROZ, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como trazido no trabalho, utilizamos para produção de dados um questionário composto por 06 perguntas. Com isso, iremos entrelaçar as respostas em um diálogo, caminhando por meio dos objetivos, trazendo as contribuições da oficina para o dever professor dos discentes participantes da mesma. Por outros termos, conduzindo-se entre o caminho traçado pela metodologia de abordagem qualitativa.

Descrivendo as respostas dos participantes à primeira pergunta do questionário, “Qual (is) contribuição (es) que a oficina trouxe para o seu dever-docente” de Matemática?” Pontuou-se a relevância de apresentar tais conceitos na graduação, que é necessário questionar o que seria professor “ideal”, em que os professores são auxiliares fundamentais no processo de aprendizagem, mas, os mesmos não são os responsáveis pelo fracasso escolar do aluno, caso o mesmo não desejar aprender. Sendo as resposta:

- ♦ **Janaína:** *Que nem sempre nós professores somos responsáveis pelos atos dos alunos, e me fez questionar o que seria esse professor ideal?*

- ◇ **Jacinta:** *Acredito que a oficina se tornou relevante ao debater sobre conceitos importantes para a formação docente em um ramo do conhecimento pouco explorado em nosso curso.*

Em conformidade com Queiroz (2016) não existe professor ideal que ensina Matemática. Somos únicos enquanto sujeitos, por conseguinte, enquanto professor de Matemática. Em relação aos alunos, como trazido, a escola não os atrai, preferindo estar no universo promovido por meio de cliques. Assim, o professor precisa sempre buscar meio de trazer os seus alunos para o mundo da sala de aula, de corpo e mente, porém, se eles continuam não desejar estarem, os professores não são culpados. Segundo Guattari e Rolnik (1996) o desejo é o que nos impulsiona, é o que nos fazemos caminhar, que pode ser algo revolucionário, por construir modos diferentes de viver, de amar.

E também, a oficina suscitou nos discentes, o cuidado que eles precisam ter nos movimentos do seu devir professor e em si mesmos, que ao desempenhar isso, se sentirão bem consigo, em fruto disto, desempenhará um bom papel na docência. Como apresenta posteriormente a resposta de **Melissa**:

- ◇ **Melissa:** *Me fez refletir sobre o cuidado que devo ter comigo enquanto professora e pessoa, afinal me sentir bem pessoalmente para que possa desempenhar um bom papel profissionalmente.*

Segundo Foucault (2006) o cuidado de si, remete ao cuidado com o outro, não um cuidado moldável (modelar), imposto, mas, aquele que desperte nos alunos a querer a também se cuidar, a conhecer as suas verdades, lutar por elas, conhecendo os seus limites, transcender a si mesmo. Sendo assim, imagina-se que o cuidado pessoal que **Melissa** acentua é uma busca das “coisas” que lhe faça bem, para que assim, desempenhe um bom papel enquanto professor, profissional. Todavia, os alunos são o público profissional do professor, cuidando dele mesmo, pode pregar o cuidado de si em seus alunos (no outro).

Passando as descrições para a segunda pergunta, “A oficina fez você refletir sobre a necessidade do cuidado de si na graduação? Na docência? Justifique.” Que fez os discentes refletir que não deve se comparar aos outros (não-eu). **Janaína:** “Sim, como anteriormente falado, não devemos se sentir culpado por algumas situações em sala e nem se viver de comparações com outros professores.”

No mundo líquido, além dos sujeitos estarem bem informados, precisa mostrar através do currículo lattes, composto por declarações, certificados, que viabilizam que os mesmos possuem tais “formações”, sempre a mercê de comparações, concorrência, na busca de estarem sempre à frente. Em meio a isso, talvez surjam às deficiências, pois papéis não asseguram nada, mas na sociedade, mercado de trabalho, isso representa algo relevante.

Como se os professores melhores de matemática são os que possuem um currículo recheado. Valendo mais a quantidade do que a qualidade. Por isso, a necessidade do cuidado

de si, pois não precisamos nos culpar pelo fracasso escolar e nem se comparar a nenhum professor. Em que, comparações, concorrência, fora ademais dificuldades que atravessa a docência estão deixando os professores adoecidos, até mesmo, no seu devir-docente, quando discentes pertencentes ao curso de Matemática-Licenciatura. Mostrando que a oficina fez **Danilo** refletir:

- ◇ **Danilo:** *Sim, pois somos instigados a refletir sobre o nosso estado de espírito e sobre o processo formativo do professor. Eu diria que o exercício de refletir sobre si mesmo e buscar se conhecer contribui para manter a sua sanidade mental, o que é essencial para quem quer exercer a função docente.*

Entende-se, que o professor precisa adentrar-se, na busca de refletir sobre si mesmo, buscar se conhecer para manter-se “equilibrado” diante dos movimentos que perpassam o seu devir professor. Trazendo que isto é essencial para quem quer manter a função docente. Ventos fortes ocorrem na caminhada dos professores, colocando imunes ao adoecimento psicológico, tanto situações de cunho particular, talvez, mais ainda profissional. Salientando, que possa ocorrer que apesar de tudo que fizer para trazer os seus alunos para sala, eles podem não querer estar. O professor que se cuida, cria pontes em seu devir, deixando perpassar apenas as forças, o que ocorrem na sala de aula, as imposições que decorrem sobre ele, só aceitando o que se deseja (CAVAMURA, 2015). Sendo assim, a oficina despertou nos alunos o olhar crítico acerca do seu devir professor de Matemática. **Jacinta:** *Sim, antes dessa oficina eu não tinha um olhar crítico acerca do meu devir professora de Matemática.*

Caminhando a descrição para a terceira pergunta, “Você participaria de outras oficinas/minicurso que abordam esse tema? Justifique.” Tivemos a pretensão de notar se o espaço foi agenciador. Agenciamento é o convite propostos aos desejos dos sujeitos, ou seja, o desejo circula nos agenciamentos (DELEUZE, 1994). Em harmonia com recortes das respostas dos discentes, temos:

- ◇ **Janaína:** *Sim, pois gostei muito do tema e queria me aprofundar mais, nesse devir de ser professor.*
- ◇ **Danilo:** *Não sei ao certo, dependeria muito do momento. O fato de ter cursado a cadeira eletiva de Filosofia da Diferença e Educação Matemática no passado ajuda a se aproximar da temática.*
- ◇ **Jacinta:** *Sim. Por que os momentos de discussões e reflexões que vivenciei desse tema foi maravilhoso.*
- ◇ **Melissa:** *Sim.*

Da resposta de **Janaína**, ela deseja se aprofundar mais no tema. E **Jacinta**, foi agenciada, desde que cursou uma disciplina que contemplava a Filosofia da Diferença, por conseguinte, apresentava os conceitos abordados na oficina. Imagina-se, por meio da sua resposta que o espaço proporcionado pela oficina aproximou-a dos conceitos. **Jacinta** também foi agenciada, dizendo que os momentos que vivenciou na oficina foram maravilhosos. Sendo assim, imagina-se que a oficina os agenciou a permanecer na oficina, em que ao monitorar a mesma, foram notadas as saídas poucas para ir ao banheiro, para situações afins, despertando e fortificando o interesse dos discentes a se aprofundar no tema. Portanto, a

universidade precisa promover mais espaços reflexivos para os discentes, em consonância com a Filosofia da Diferença.

Na quarta pergunta, “Descreva o que você compreendeu dos conceitos: Cuidado de si, Devir, experiência e Marcas.” Sabe-se que os conceitos contemplados pela Filosofia da Diferença requerem um tempo mais aprofundando para tirar as suas próprias visões acerca dos conceitos, mediante o que os mesmo abarcam (um tempo com leituras, de reflexão consigo). Mas apesar de ter sido poucos encontros (dois encontros) da oficina os participantes conseguiram compreender, como mostra as suas respostas:

- ◇ **Janaína:** *Devir, o que seria o ideal. Experiência, o que você adquiriu com o tempo. Marca, por mais dolorosa que seja lhe deixa um aprendizado.*
- ◇ **Danilo:** *Para mim o Cuidado de Si seria uma análise de si mesmo e de sua consciência em um dado momento. O devir seria a "jornada", um fluxo contínuo que carrega todas as nossas experiências, sendo que algumas dessas experiências nos deixam marcas que corroboram para o sentido de nossa existência. Acredito que todos esses conceitos, de certo modo, estão interligados e contribuem para a materialização do eu professor.*
- ◇ **Jacinta:** *1. Cuidar de si é fazer diariamente uma auto reflexão acerca dos próprios desejos, visando simplesmente no bem está físico e emocional. 2- o devir está associado as funções que realizamos no nosso dia dia, seja no contexto familiar, no trabalho e entre outros setores. 3- experiência são vivências que adquirimos a cada dia que vivemos. 4- as marcas estão atreladas aos acontecimentos positivos e negativos que vivenciamos em determinadas situações da nossa vida que prevalece no nosso eu interior.*
- ◇ **Melissa:** *Pelo que lembro experiência é tudo aquilo que você vive e te marca de alguma forma. E marca é aquilo que fica como ensinamento para a vida, seja boa ou ruim, te ensina algo de modo que você não esquece aquilo que foi vivido.*

Conforme trazido por Larrosa (2002) as experiências nos deixam marcas, sejam positivas ou negativas. Assim, da resposta de **Danilo**, entende-se que a mesma acredita serem apenas algumas experiências que nos deixam marcas. No entanto, o mesmo acentua que os conceitos abarcados pela oficina estão interligados entre si, contribuindo para materialização do eu professor. Dessa forma, a Filosofia da Diferença apresenta contribuições ao devir professor dos participantes da oficina.

Da resposta de **Melissa**, ela compreende os conceitos marcas e experiência da forma que foi apresentado na oficina, isto é, em harmonia com Rolnik (1993) e Larrosa (2002). Idealiza-se, da resposta dela, que a mesma compreende que as marcas podem ser ritualizadas, pelo fato da mesma dizer que não esquece daquilo que foi vivido, ficando a marca como a experiência adquirida. A resposta de **Jacinta**, na parte que ele fala de marcas e experiências, também nos remete a isso.

De acordo com Foucault (2006) o cuidado de si remete um cuidado com o corpo e com a mente. É um conjunto, que precisam estar em concordância. Se o corpo não estiver bem, talvez a mente não esteja reciprocamente. Assim, **Jacinta** trouxe isso em sua resposta, acerca dos seus pensamentos sobre o Cuidado de Si. Além disso, o mesmo traz que o devir

seria as funções que exercemos entre os diversos universos que estamos inseridos. Como conduzido pelo trabalho, o devir discorre no meio, é entre, trazendo para o devir professor, segundo (TARTARO, 2015) “se formamos” professor entre amigos, emprego, família, esposo, pipoca, curso de Matemática-Licenciatura. Desse modo, reforçam que o devir-docente é único de cada sujeito, por as situações que experienciamos são outras e, também, que a graduação, possui o seu papel importante, mas não é somente por meio dele que vamos constituindo o nosso devir, pois por meio dela, no máximo que conseguimos é um diploma que viabilize uma prática docente.

Guiando-se para a quinta pergunta, “Quais Marcas ficaram em você após participar da oficina? Descreva.” Compreende-se que descrever marcas não é tão simples, principalmente quando as mesmas são recentes. Entretanto, fomos suscitados a perguntar, pois estando ministrando a oficina, ficaram registradas em nosso devir a superação, pois as marcas, antes de iniciar a explanação dos conceitos foram revigoradas, trazendo que não iríamos conseguir, atrelado a outros pensamentos, acontecimentos. Conforme Queiroz (2014) não tem como ir a campo sem que leve as marcas. Assim, as marcas entraram numa simbiose, ficamos com medo, porém bem satisfeito em meio às superações, a conquista, por conseguir driblar a vergonha e apresentar aquilo que preparamos com bastante afeto e afínco.

Como **Danilo** apresenta: *“Difícil descrever, acredito que algumas coisas são imperceptíveis e difíceis de exemplificar. Contudo algo me chamou atenção - talvez seja uma possível marca -, diz respeito ao questionário proposto durante a oficina. Apesar de serem elaboradas perguntas simples, por serem de cunho pessoal exigem reformulação do pensamento e uma análise aparente sobre o que refletimos de nós mesmos. Imagino que se essas mesmas perguntas fossem feitas no passado, mesmo que em um passado recente, a minha resposta seria totalmente diferente e creio que o mesmo se aplica com o mesmo teste em um futuro próximo. Não sei ao que deve esse fenômeno - se é que é um fenômeno -, mas acredito esse processo se repetirá com todos e que seja fruto do devir e, conseqüentemente, das experiências da vida.”*

O questionário o qual ele se refere fez parte de uma das dinâmicas, que teve como intenção fazê-los refletir sobre os movimentos de o seu devir professor antes mesmo de adentrar ao curso, além de pensar o que imaginam estar no “porvir”. Os nossos desejos são traçados no presente, para que talvez os vivamos no futuro. O talvez, por sermos imprevisíveis, e ocorrer situações que podem nos mudam de Rotas. Conforme a resposta de **Jacinta**, as marcas que lhe ficaram foram *“Positividade, autoconfiança entre outras”*. Já **Melissa** não conseguiu responder a pergunta.

Passando as descrições para a sexta e última pergunta, “Descreva um pouco da experiência que você adquiriu após participar da oficina.” Essa pergunta é bem próxima da pretensão da quinta pergunta na busca de perceber o que ficou no devir professor dos discentes. Assim, temos:

- ◇ **Janáina:** *Que não devemos ficar se comparando a nossas aulas, ex* professor tal faz de maneira, professor tal e brincalhão, cada um tem seu método, talvez aquele método não se adeque a você, que não devemos ficar se achando culpado por algumas situações que ocorre em aula, e que devemos cuidar do nosso corpo.*
- ◇ **Danilo:** *O fato ter conhecido o tema no passado me deixou com uma boa margem de expectativa do que seria proposto na oficina. Considero que a experiência foi positiva e que colaborou para a minha formação docente.*
- ◇ **Jacinta:** *Foi maravilhosa. Fiz uma auto reflexão acerca do meu devir professora de Matemática.*
- ◇ **Melissa:** *Não consigo responder.*

Com isso, conforme a resposta de **Danilo** a oficina contribui ao seu devir professor, pois o mesmo considerou uma experiência positiva. **Jacinta**, a oficina permitiu refletir acerca de o seu devir professor de Matemática, tendo uma visão maravilhosa da mesma. Segundo a resposta de **Janáina**, não devemos nos comparar a ninguém, em que ela apresenta uma resposta a sua indagação feita por ela em resposta a primeira pergunta do questionário, a respeito do professor “ideal” de Matemática, pois cada um possui seus métodos, quer dizer, possui o seu devir professor, constituído em meio às experiências, envolvimento com o outro (não eu), das marcas. Além disso, pontua que não devemos se sentir apenas os culpados pelas situações que ocorrem em nossas aulas. Imagina-se, que é a discussão anteriormente trazida, que caso o aluno não desejar participar das atividades, mesmo diante de aulas inovadoras (diferentes), não somos os culpados, se eles não aprenderem.

E também, **Janáina** trouxe-nos, igualmente a **Jacinta**, o cuidado que o professor deve ter com o seu corpo. Já **Melissa**, não conseguiu apresentar as suas experiências. Possa ser que a oficina não lhe proporcionou marcas, experiências ou ela não consiga neste momento apresentá-las. Mas, isso nos mostra que nem todos os sujeitos serão marcados pelos encontros, pelas nossas aulas, somos diferentes e as coisas que nos subjetivam são diferentes. Tudo está ligado aos nossos desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorremos pelas respostas dos discentes foi notado que o espaço proporcionado pela oficina permitiu que os participantes percebessem como se encontrava as pulsões em seu devir docente, trazendo em discussão: Qual docente desejam estar no futuro? Se o mesmo possui cuidado de si, enquanto docente, aluno, sujeito?, Se governa? Como se encontra diante da contemporaneidade? Assim, trouxeram que não precisam ater-se aos

“perfis” lançados na Educação como “ideias”, por conseguinte, não se comparar a nenhum outro professor, por sermos iguais e termos o nosso devir próprio. Além disso, os professores não apenas os culpados pelo fracasso escolar dos alunos, existem muitas coisas envolta.

As experiências, as marcas que ficaram nos participantes e em nós, foram de indícios positivos. Portanto, a oficina contribuiu para o devir professor dos discentes do curso de Matemática-Licenciatura, potencializando a importância de trabalhar os conceitos da Filosofia da Diferença na graduação e que de fato foi alcançado os objetivos da articulação e desenvolvimento da oficina.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt, **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- DELEUZE, Gilles. PARNET, c. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.
- DELEUZE, Gilles. **¿Que és um dispositivo?** In: Michel Foucault, Filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, PP. 155-161. Tradução de wanderson flor do nascimento.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no collége de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Selma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: Revista Brasileira de Educação. n° 19, 2002.
- PANNUTI, Maísa Pereira. **A Relação Teoria e Prática na Residência Pedagógica**. EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação. Curitiba, out. 2015.
- QUEIROZ, S. M. A educação em meio ao Hiperativismo sócio-cultural do mundo líquido. In: **X Encontro Nacional de Educação Matemática**. São Paulo, SP. 2016a
- QUEIROZ, S. M. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos**. 2015. 208f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- QUEIROZ, S. M. Caso Sabrina: quando a cartografia atinge uma marca. In: Encontro Paraibano de Educação Matemática, 8, 2014, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014.
- MORETTI, Vanessa Dias. **A Articulação entre a formação inicial e continuada de professores que ensinam matemática: o caso da Residência Pedagógica da Unifesp**. Revista Educação, Porto Alegre, vol. 34, núm. 3, pp. 385-900, set-dez 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84820027016>>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- RESOLUÇÃO SEI/CAPES - 0627352, Portaria GAB N° 38, 2018.
- ROLNIK, S. **Pensamento, corpo e devir Uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico**.